

Renan segue disparando em Collor e nos ex-amigos

"Se eu quisesse dinheiro sujo, teria aceito oferta do empresário Paulo César Faria", o PC. Essa foi a resposta do deputado Renan Calheiros, ex-líder do governo na Câmara, à informação, divulgada por fontes do Palácio do Planalto, de que ele teria exigido US\$ 4 milhões do presidente Fernando Collor, fazendo a ameaça de renunciar à liderança com um escândalo público. O parlamentar disse que Paulo César Faria lhe ofereceu dinheiro na campanha para o governo de Alagoas, em troca do poder de nomear secretários e conduzir as concorrências e licitações públicas, na hipótese da eleição.

As mesmas fontes palacianas divulgaram ontem que o candidato do PRN teria conseguido esses US\$ 4 milhões do governador de São Paulo, Orestes Quérzia. "Nunca fui apresentado a Quérzia: a última vez que falei com o Alberto Goldman foi quando ele era deputado federal; e só estive com Ibsen Pinheiro no último esforço concentrado", disse Renan Calheiros em sua defesa. O ex-líder do governo não escondeu, porém, que está pronto para trabalhar na formação de uma frente nacional de oposição ao governo, para sanar a crise política resultante do isolamento do presidente da República. A formação dessa frente de oposição é a idéia mais cultivada por Quérzia.

Furioso com a versão palaciana de que exigia dinheiro para sua campanha, Renan Calheiros questiona: "Por que o próprio presidente não diz que fui pedir dinheiro a ele? Eu sempre disse que não conhecia nenhum ato indigno do presidente da República, como iria então pedir dinheiro a ele?". O ex-líder do governo sustenta também que nunca conversou com o presidente Collor a respeito de dinheiro, cargo, tráfico de influência ou prestígio político. Dizendo-se um conhecedor do estilo palaciano de falsificar versões para esconder a verdade, ele indaga ainda: "Por que essas fontes palacianas não interpelam judicialmente o presidente para que ele diga se eu pedi dinheiro?".

Magoado com o presidente e insatisfeito com "o estilo impe-



Arquivo/AE

Renan: "Por que o próprio Collor não diz que fui pedir dinheiro a ele?".

ria" com que hoje Collor conduz o País, Calheiros diz que esse isolamento presidencial é deliberado e "consequência do desapreço pelo Congresso". Ele acha que foi o último interlocutor do governo com o legislativo e lembra que hoje os líderes partidários têm dificuldade até para telefonar para o Palácio do Planalto. "Com quem o presidente da República conversa política atualmente? Com o Paulo Octávio e o Eduardo Cardoso, evidentemente", ironizou ainda o parlamentar, numa referência a dois dos principais amigos de Fernando Collor.

Sempre irônico, Renan Calheiros disse que o presidente trocou cotoveladas para entrar numa roda de chefes de Estado do Primeiro Mundo, reunidos no Japão, e acrescentou: "O Brasil não pode ser governado de mentirinha. Não se resolve os problemas nacionais trocando de camiseta todo domingo para correr em torno da casa da Dinda." Sempre lembrando que o Palácio do Planalto "é mestre em montar armadilhas para falsourar a verdade", o candidato do PRN ao governo de Alagoas preveniu que também tem armas potentes: "O presidente sabe que jogarei da mesma forma que eles jogarem comigo."